

A VISÃO DA FAMÍLIA SOBRE O PAPEL DA EDUCAÇÃO INFANTIL/ CRECHE¹

Socorro Maria dos Santos

Resumo: Este artigo pretende fazer uma análise a respeito da visão da família sobre o papel da educação infantil/ creche. A análise foi feita por meio de coleta de dados dos tutores, observação da presença familiar na escola e um questionário respondido por oito responsáveis de alunos matriculados no Colégio Municipal Balão Mágico, em paralelo à consulta bibliográfica. Como resultados, observamos que as famílias se mostraram participativas e abertas à compreensão a respeito do papel da escola na vida dos alunos. Contudo, tais famílias foram representadas apenas por mães.

Palavras-chave: creche; família; escola; assistencialismo.

1 INTRODUÇÃO

A educação das crianças pequenas por muito tempo foi considerada responsabilidade somente da família e do grupo social ao qual pertenciam. Na atualidade, essa relação é mantida de maneira diversificada, a educação e cuidado das crianças passou a ser compartilhada com a creche.

De segunda a sexta-feira, a partir das sete horas da manhã, os portões da creche já estão abertos para receber pais, mães, irmãos e avós que levam suas crianças, as deixam e seguem para seus trabalhos ou outros afazeres diários. Alguns responsáveis demoram um tempo maior nas despedidas feitas na porta da sala e fazem questão de informar à equipe responsável pela turma sobre como a criança passou a noite ou algo mais que acredita ser necessário informar. Outros se limitam ao bom dia e entregam seu filho e a mochila.

Cada família possui suas especificidades, seus modos de se relacionar com o mundo. Conhecer o que as famílias pensam sobre o papel da educação infantil trouxe informações importantes para ampliar as orientações. Conhecer as famílias torna-se fundamental para que elas possam distinguir seu papel e o papel da creche na vida das crianças.

A creche não deve ser um lugar somente para as crianças serem deixadas. Deve ser um ambiente que favoreça o desenvolvimento integral de cada criança, afinal elas permanecem

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso Licenciatura em Pedagogia, da Universidade do Sul de Santa Catarina, sob orientação do professor Dr. Jorge Alexandre Nogared Cardoso, no primeiro semestre de 2020.

cerca de dez horas na unidade e vivenciam situações diversas, em espaços específicos e com rotina estabelecida. Comem, brincam, socializam-se, são cuidadas e educadas.

Observando o comportamento das famílias no ambiente escolar também proporciona identificar uma amostra de suas configurações, como saber quem é mais presente no dia a dia das crianças.

Rosenberg define que os movimentos de liberação da mulher, nas décadas de 1960 de 1970, diminuíram a distância entre os papéis masculinos e femininos, incentivaram a participação das mulheres no mercado de trabalho e questionaram o exercício da maternidade como o único destino feminino (ROSENBERG, 2015, p. 177).

Apesar dessas mudanças sociais, só obtivemos respostas de mães. Nenhum participante do sexo masculino devolveu o questionário e não se pronunciou de nenhuma forma.

A educação e a família são duas referências que se relacionam diante de um único objetivo: a criança. É nesta interação que surge um mundo de novidades, descobertas, sensações, de sentimentos da família em relação à instituição e vice e versa. Algumas características fazem com que as duas possuam funções e objetivos distintos. Em casa, os pais têm mais autoridade e poder que os filhos. Mesmo que a criança se comporte mal, os pais nunca deixarão de ser pais e a criança o filho. Os papéis se conservam. Na instituição escolar, a socialização é diferente da familiar, constituindo-se do ensino de conhecimentos e do desenvolvimento de valores sociais ou coletivos. A criança tem oportunidade de aprender e viver em uma sociedade democrática.

Para que as famílias tomem conhecimento dos devidos papéis (o seu e o da creche), é necessário uma abertura para suas participações no ambiente escolar, por meio do diálogo, dividir sucessos e dificuldades e, acima de tudo compartilhar o processo de cuidar e educar a criança na etapa da vida em que se encontra.

A escola e os professores necessitam utilizar diversos mecanismos para criar um ambiente mais acolhedor e afetivo que possibilite a família recapitular o valor da criança e o sentido da responsabilidade compartilhada. A creche precisa adotar uma linguagem e uma postura que favoreça a aproximação das famílias, para que elas se sintam aceitas, conheçam e compreendam o trabalho realizado e possam contribuir de acordo com suas possibilidades.

(PONTES; MAGALHÃES; BAHIA, 2011).

A pesquisa buscou saber a visão das famílias sobre o papel da educação infantil, com o objetivo geral de propor uma reflexão desta relação família-escola, em que o elo de ligação é a criança, que é filho-aluno. Com isso, os objetivos específicos são: obter respostas de pessoas com variados níveis de escolaridade, identificar se muitas famílias ainda entendem que a creche desempenha somente o atendimento assistencialista e o motivo de haver ausência de grande

parte das famílias em reuniões e outros eventos escolares no Colégio Municipal Balão Mágico, localizado no município de Santana de Parnaíba, no estado de São Paulo.

Os principais resultados revelam que a comunicação existente da instituição para a família não é calcada numa postura de oferecimento de assistência à criança. As oito mães participantes da pesquisa se mostraram abertas às informações sobre o verdadeiro papel da educação infantil.

A visão da família sobre o papel da creche se limita aos aspectos práticos do dia a dia. Infelizmente, devido a pandemia do novo coronavírus, as atividades na unidade escolar foram interrompidas temporariamente. Entretanto, com a ajuda das participantes, futuramente podemos ajudar outras famílias a superar a dificuldade de entendimento e conhecer as ideias de mães e professores. Ficou claro que o diálogo é forma mais correta para promover a relação creche-família.

Ao devolver o questionário, algumas mães falaram pessoalmente sobre algumas questões. Por exemplo, disseram que sabem do papel educativo atribuído às professoras, mas reconhecem a sua responsabilidade com a educação dos seus filhos, que acredita que dão bons exemplos em casa, e que se tiver bons exemplos na escola levará para casa. Algumas mães dizem assumir suas responsabilidades de mãe, que procuram não confundir as responsabilidades que a instituição deve ter com o cuidado das crianças. Com isso, ficou bem claro que nesta pequena amostra, não existe participação paterna nas vidas escolares dessas crianças.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Atualmente, muitos pais não compreendem quais são suas responsabilidades. Muitos vêm a creche somente sob a mesma visão assistencialista de décadas passadas, cobrando posturas dos gestores, coordenação e professores. Os deveres como pais não são importantes para aqueles que possuem tal visão. Do meu ponto de vista, todos os municípios devem envolver a comunidade na organização dos projetos políticos e pedagógicos como determinado pela Lei Diretrizes e Bases nº9394/96, artigo 9º: “III - A participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização de suas formas de organização”. (BRASIL, 2009)

Antes da década de 80, a família brasileira era numerosa e raramente a mulher trabalhava fora ficando com a responsabilidade da educação dos filhos. Assim, as crianças não

frequentavam a Educação Infantil, porque estavam sob os cuidados de suas mães, irmãos ou parentes próximos.

Havia também o modelo de creche-casulo, em que as crianças ficavam sob a guarda de alguma família para que suas mães pudessem trabalhar. Essa, sim, era uma perspectiva assistencialista. Mesmo assim, mais de 50 por cento das crianças atendidas se concentravam na rede privada, o que acentuava o elitismo no atendimento à pré-escola, tendência esta que só foi revertida a partir de 1982, ainda sem a quantidade necessária. O tipo de Educação Infantil que aportou no Brasil na década de 70, foi de uma conotação meramente assistencialista. Mesmo assim, mais de 50% das crianças atendidas se concentravam na rede privada, o que acentuava o elitismo no atendimento à pré-escola, tendência essa que só foi revertida a partir de 1982, ainda sem a qualidade necessária (KRAMER & SOUZA, 1991).

Não estando em casa para cuidar dos filhos, a mulher provocou a necessidade social da criação de um lugar adequado não somente para cuidar, mas para promover a educação das crianças. Foi então que em 1988 o Estado viu-se obrigado a criar a Rede Nacional de Educação Infantil.

O artigo 208, Inciso IV, da Lei Diretrizes e Bases (LDB), institui o atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade. Já o artigo 7, Inciso XXV, institui o direito à assistência gratuita para filhos e dependentes (zero a seis anos) de homens e mulheres trabalhadores, e o artigo 30, inciso VI, atribui aos municípios, a responsabilidade pela manutenção de programas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental com a participação técnica e financeira da União e do Estado.

A partir da atual LDB, Lei 9394/96, a educação brasileira adquiriu uma nova estrutura. Essa nova configuração tem como fundamento o princípio da formação humana continuada, superar as tradicionais formas de organização que provocam rupturas entre os níveis e etapas educacionais. Nessa época, as creches eram mantidas pela extinta Legião Brasileira de Assistência (LBA), vinculada ao Ministério da Previdência e Assistência Social, cuja função era cuidar das crianças para as mulheres trabalharem e ainda municiavam as famílias necessitadas com gêneros alimentícios.

O artigo 4 da LDB, inciso IV, diz que o dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante garantia de atendimento gratuito em creches e pré-escolas para as crianças de zero a seis anos de idade, tendo como primeira etapa da educação básica, com a finalidade de favorecer o desenvolvimento integral das crianças, em seus aspectos físico,

psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1992).

A creche atual já não mais atende somente filhos de homens e mulheres trabalhadores, não se configura mais como agência de guarda e assistência e sim como instituição educacional, criando-se novas responsabilidades para o sistema escolar. As crianças permanecem por até dez horas na creche, fazem cerca de cinco refeições, dormem, no caso dos bebês. Até que usem fraldas, os profissionais têm a obrigatoriedade de dar-lhes banho. Tais cuidados que a criança recebe na ausência da família são fundamentais, especialmente quando a criança está inserida em lar desajustado ou em situação de desemprego. O tempo que fica na creche e recebe os cuidados, pela lógica, seria um tempo em que seus responsáveis poderiam procurar por uma ocupação remunerada para prover as necessidades da família.

Quando trabalhamos na área da educação, infelizmente nos deparamos com uma realidade diferente do que aprendemos na faculdade, sobre as teorias e as leis. As famílias não utilizam o tempo que deixam as crianças na creche para estudar e trabalhar, ou seja, se as crianças ficam para receber todo tipo de cuidados, o atendimento ainda é entendido como assistencialista. Muitas famílias não se esforçam para trabalhar, pois em seus modos de pensar, a creche supre todas as necessidades da criança. Onde fica a importância com a afetividade? Se há um adulto em casa durante o dia, por que não deixar a criança somente durante meio período na creche? As creches passaram a ser vistas como direito da criança e não da mãe trabalhadora. Contudo, as vezes existem mães trabalhadoras que ainda não conseguiram a vaga para sua criança na creche, pois com o direito a todos, as creches não atendem as demandadas. Embora não seja parte da família do aluno, durante a convivência os profissionais da educação acabam desenvolvendo afeto pela criança e vice-versa. Não existe maneira de cuidar das crianças sem tratá-las com respeito, dedicando atenção ao ouvir e conversar, se colocando em sua altura física, dando liberdade para que desfrute do espaço escolar, explorando e brincando, mas também ensinando conceitos de organização. Desta maneira, claro, a creche se assemelha ao lar.

É preciso ressaltar que apesar de a creche ser um ambiente estimulador e acolhedor, que presta atendimento as crianças de zero a seis anos, jamais substituirá os cuidados familiares, principalmente nesse período, quando a criança mais necessita de afeto, que é fundamental para a saúde psicológica, tanto do bebê quanto dos pais.

A família e a instituição possuem papel relevante no processo educativo, pois é nelas que se formam os primeiros grupos sociais dos quais os alunos fazem parte. Nesse sentido a

educação possui um caráter sinalizador, e tanto a família como a escola são essenciais na vida das crianças pequenas.

O envolvimento e a participação dos familiares no ambiente escolar é considerado componente importante para o sucesso das crianças. A constituição Federal de 1988, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil (LDB 9.394/96) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, ECA, Lei, 13.257/2016) rezam que as escolas têm a obrigação de se articular com as famílias e que os pais têm o direito a ter ciência do processo pedagógico, bem como a participar das definições das propostas educacionais. A legislação vincula, dessa forma, não só obrigatoriedade estatal e social, mas também invoca a família como núcleo primeiro na formação do cidadão, e como tal, indispensável e insubstituível na missão determinada nas prerrogativas da Carta Magna do País.

Acredito que há falhas na comunicação, ou falta cobrança por parte das instituições educacionais para que as famílias entendam que existem deveres e não apenas direitos. Por meio da clareza nos diálogos é que a participação da família acontece. Família e escola tem responsabilidades compartilhadas na garantia de uma educação de qualidade.

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A observação se deu nos horários de entrada e saída dos alunos do Colégio Municipal de Educação Infantil Balão Mágico, no Município de Santana de Parnaíba, São Paulo, meu local de trabalho. Foi concedida autorização por parte da direção para realizar o acolhimento em todas as salas, no período compreendido entre os dias quatro e 20 de fevereiro. Foram feitas anotações sobre o comportamento dos adultos responsáveis. Observou-se se deixavam a criança em sala e saíam em seguida, ou se iam com tempo e abertura para ter algum diálogo e participação. Partindo dessa observação foi elaborado um questionário com cinco perguntas e entregue para 15 pessoas, dentre as quais apenas oito o devolveram (todas eram mães).

Pergunta 1 – A princípio, o que levou a família a matricular a criança no período integral (das 7h às 17h)?

Respostas: as oito mães responderam que por necessidade, devido ao fato de trabalharem também durante o dia inteiro e que acham seguro ter um local para os filhos serem cuidados e aprenderem.

Conclusão: as famílias que responderam confiam na instituição e nas equipes que cuidam de seus filhos. A relação família e escola inicia-se na creche quando os bebês deixam o cuidado exclusivo das mães e pais e passam a vivenciar outras experiências com outras pessoas,

em outro ambiente que não o lar, é importante que a instituição conheça não só criança, mas também a família, para que haja confiança que surge a partir da interação entre pais e professores, o envolvimento entre creche e familiar.

Como afirma SZYMANSKI (2001), o importante é conhecer o tipo de vida que estão oferecendo ao filho/à filha e não somente identificar o tipo de família.

Pergunta 2 – Com qual frequência você vai à creche para conversar com a professora? Quando vai o sobre o que conversam?

Respostas: Cinco mães responderam que participam de todas as reuniões, outros eventos e que conversam sobre comportamento, aprendizagem, cuidado e alimentação. Duas mães responderam que compareceram não somente nas reuniões, mas quase que diariamente porque as crianças têm atendimento especial. Uma mãe respondeu que é muito raro comparecer na creche, pois trabalha longe da unidade, é sempre a avó que vai às reuniões e outros eventos.

Conclusão: Todas as repostas indicaram que as mães são participativas no cotidiano escolar, mesmo que seja através de outra pessoa como a avó que participa para cooperar com a filha que trabalha longe da creche. Nas interações que são estabelecidas no contexto da instituição de Educação Infantil, a produção das culturas e a expressão das sociabilidades devem ser levadas em conta, pois a partir delas que devem ser olhados o fazer e o viver das crianças.

Vygotsky nos ajuda a compreender que quando as crianças interagem com seus mundos, podem fazer mais do que parecem ser capazes, e extrair muito mais de uma atividade se há um adulto ou um participante com mais experiência: (...) as interações sociais, não apenas aquelas envolvendo parceiros e adultos, oferecem oportunidades para que as crianças aprendam mais sobre o mundo, (...) A aprendizagem colaborativa entre parceiros também ativa a zona de desenvolvimento proximal (MOLL, 1996, p.224).

Pergunta 3 - O que você acredita ser o seu papel na Educação de seu filho?

Respostas: As oito mães responderam que o papel principal da educação é a voltada para o comportamento, higiene e cuidados, consigo e com o próximo. Além do respeito com o próximo e educação com todos.

Conclusão: as mães demonstraram que entendem que a educação deve começar em casa. A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico, e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de

referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais (BRASIL, 1988, p. 21).

Pergunta 4 - Quais as suas expectativas em relação às funções que a creche deverá ter com o/a seu/sua filho/filha?

Respostas: Uma mãe respondeu que a função da creche é cuidar e zelar pela criança enquanto estiver sob seus cuidados, orientando os pais quando necessário e desenvolvendo a aprendizagem infantil. Seis mães responderam que a função da creche é cuidar, ajudar no desenvolvimento e ensinar bom comportamento e uma mãe respondeu que a creche deve dar carinho e atenção e nunca brigar com seu filho.

Conclusão: A primeira mãe tem uma visão bem coerente quanto ao papel da creche, porém ela também é professora, tem uma bebê que deixa em outra unidade porque trabalha na educação infantil pela manhã e a tarde no ensino fundamental. As respostas da minoria das mães apontaram para a função pedagógica. Com isso, pode-se notar que ainda existem tutores que acreditam que a creche é um espaço somente para a criança se alimentar, dormir e brincar. Algumas citam o desenvolvimento, mas sem especificar se é o desenvolvimento intelectual, emocional ou social. O artigo 5º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) concebe a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, que é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam das crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (BRASIL, 2009).

Pergunta 5 - Você sabe quais os objetivos e todas as atividades realizadas na creche pra desenvolvimento das crianças? Caso não saiba, por que não sabe?

Respostas: Uma mãe respondeu que consegue saber, porque tem conhecimento na área, mas nem todas as atividades realizadas demonstram ou esclarecem aos pais os objetivos propostos. Cinco mães responderam que sabem os objetivos das atividades e que sabem que ajudam no desenvolvimento e duas mães responderam que não sabem os objetivos das atividades.

Conclusão: Durante muito tempo a função de atendimento à criança pequena esteve voltada ao assistencialismo, mantida por órgãos assistenciais aos mais pobres, em ambientes privados e domiciliares. O DCNEI teve a preocupação de destacar que "as responsabilidades

da sociedade e o papel do Estado diante das crianças pequenas" (BRASIL, p.17), enfatizando que a institucionalização de creches e pré-escolas faz parte de um amplo conjunto legal e de políticas públicas voltadas ao atendimento da criança, inaugurado pela Constituição de 1988, complementares como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA1990) e como Lei de Diretrizes e Bases (LDB 1996). Por meio das respostas da questão 5, conclui-se que somente uma mãe sabe só que se trata de um objetivo em uma atividade, provavelmente porque é professora, acredito as outras não entendem os objetivos das atividades e que, provavelmente as professoras não estejam explicando de forma clara, por exemplo que determinada atividade ajuda a criança na construção da identidade, etc. O objetivo da pesquisa é saber qual é a visão das famílias sobre a educação infantil/creche, se a maioria tem visão assistencialista ou de espaço de aprendizagem e desenvolvimento, se a instituição procura um diálogo com as famílias para esclarecimentos para que cada um faça sua parte, que a participação da família no contexto escolar é muito importante para o desenvolvimento integral da criança. Concluiu-se que a instituição faz reuniões para apresentação do desenvolvimento das crianças, convocações individuais para orientar as famílias de acordo com as necessidades observadas pela professora e pelas auxiliares de desenvolvimento infantil. As crianças recebem atendimento pedagógico pela manhã e, no período da tarde, são acompanhadas pelos auxiliares, que desempenham o papel de cuidar, brincar e auxiliar em todos os momentos. Outro ponto central do referencial é a preocupação em atender as crianças em suas múltiplas dimensões, a partir da indissociabilidade entre cuidado e educação, integrando aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança. Sobre essa interrelação, NUNES (2011, p.73) cita: educar e cuidar, duas ações separadas na origem dos serviços de atenção à criança pequena, tornam-se, aos poucos, duas faces de um ato único de zelo pelo desenvolvimento integral da criança.

Cuidar e educar se realizam num gesto indissociável de atenção integral. Cuidando, se educa. Educando se cuida. Impossível um sem o outro. Assim sendo, os profissionais da educação continuam a dialogar sempre com os familiares para que sempre haja parceria para melhor desenvolvimento e aprendizagem das crianças. A parceria entre educadores, demais agentes da instituição e família é essencial para que o cuidar e o educar aconteçam de forma equilibrada. Essa atitude se dá, tendo como referência uma pedagogia que auxilia na compreensão dos fenômenos do processo educativo. A pedagogia, e a pedagogia da creche, pelo impacto imediato que teve com o complexo de práticas educacionais familiares e extrafamiliares que constituíam o patrimônio do conhecimento de como educar a criança, tenta subtrair ao senso comum o quanto vital e se essencial isso contém colocando a interrogação, a formulação de hipóteses, a busca de conexões entre pedaços de saber e práticas diversas, solicitando a superação de seu juízo, só preconceito. (BONDIOLLI; MANTOVANI, 1998, p.122).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa a respeito da visão da família sobre o papel da Educação Infantil indicou aspectos a serem melhorados, como a comunicação. O modo que as informações chegam às famílias é fator indispensável para que os pais adquiram o conhecimento necessário para saber o verdadeiro papel da educação e também o seu papel.

Por meio das respostas das participantes concluí que, apesar das mudanças no decorrer dos séculos, a educação dos filhos ainda está muito voltada para a mãe, mesmo quando trabalha fora de casa e com escolaridade entre ensino médio e superior, as mulheres são as que mais participam das reuniões e outros eventos na creche.

O fato de somente pessoas com escolaridade a partir do nível médio aceitaram responder ao questionário - pois os outros participantes a quem entreguei o questionário são de baixa escolaridade e maioria homens - concluí também que o fator escolaridade é importante para que as pessoas aceitem participar do cotidiano escolar dos filhos.

Continuo acreditando que ainda há um distanciamento considerável entre família e escola nos processos educativos e, infelizmente, é grande o número dos que não participam da vida escolar dos filhos. Entretanto, quero continuar cuidando e educando as crianças pequenas, contribuindo para seu desenvolvimento, pois acredito que através da criança a família também pode adquirir conhecimentos, reconhecer que precisam ter objetivos comuns, que possuem responsabilidades específicas e precisam fazer sua parte.

Acredito que tenho um papel muito importante na educação, que os desafios sempre existirão, mas meus objetivos como pesquisadora não serão jamais com o intuito de criticar as famílias, mas com o objetivo de as orientar sempre que possível, entendendo suas dificuldades e diferenças.

Com educadora quero que o diálogo entre educação e família nunca se esgote, com clareza, sem interpretações equivocadas, a efetivação dos direitos da criança serão respeitados inclusive pela família.

REFERÊNCIAS

BAHIA, C. C. S.; MAGALHÃES, C. M. C.; PONTES, F. A. R. **A relação creche-família na visão de professores e mães usuárias de creche.** 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília, 1996.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Senado Federal**: Brasília, DF, p. 7-17, 2005.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

BONDIOLLI, Anna; MONTOVANI, Suzanna. **O Educar Cuidando: um diretriz de pedagogia na infância**. 1998.

INFOESCOLA. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/educacao/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao/>> Acesso em 21 de abril de 2020.

KRAMER, Sônia; SOUZA, Solange Jobim. **Educação ou Tutela? A criança de 0 a 6 anos**. São Paulo. Editora Loyola, 1991.

MOLL, Luis C. **Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas e psicologia sócio-histórica**. Porto Alegre, 1996.

NUNES, Maria Fernanda Rezende. **Educação Infantil no Brasil: primeira etapa da educação básica**. 2011

PANDINI, C. VENTURA, L. RAMBO, I. **Princípios Legais e Teóricos na Educação Infantil**. Palhoça, 2014.

ROSENBERG, Fulvia. **A Luta das Mulheres por Igualdade**. 2013

SZYMANSKI, Heloisa. **Parceiros na Aprendizagem**. 2001. Disponível em: <<https://novaescola.org.br>> Acesso em 4 de maio de 2020